Populismo penal tende a ampliar violência

12/02/2019

Semana passada o todo-poderoso ministro da Justiça, Sérgio Moro, anunciou uma série de medidas para combater a criminalidade. O pacote, de imediato, levou ao êxtase os adeptos do populismo penal. Nem é preciso ser jurista para perceber que o que se pretende é ampliar a quantidade de prisões e dificultar a libertação de quem está atrás das grades. As medidas foram esquadrinhadas sob diversas perspectivas, mas pelo menos uma delas passou despercebida.

É a ótica do orçamento, dos recursos para sustentar a avalanche punitiva. Há pouco mais de dois anos o governo Michel Temer – debaixo de entusiasmados aplausos – aprovou a PEC do Teto de Gastos, que congelou os gastos da União com custeio, permitindo apenas a reposição da inflação. Agora, para gastar mais numa determinada área, é necessário tirar de outra para compensar.

Prender mais gente e manter mais gente presa por mais tempo vai aumentar a população carcerária. Serão necessários mais presídios – e mais vigilância, mais segurança, mais gastos com custeio e manutenção dessa estrutura – e, até agora, não se falou de onde vai sair o dinheiro para custear isso. Virá da saúde, da educação, das inadiáveis intervenções em infraestrutura? Ninguém disse nada até agora.

O governo pode, também, decidir não gastar mais. Então as desumanas prisões brasileiras vão se tornar ainda mais surreais, embrutecendo mais rapidamente aqueles que são despejados nos cárceres do País. O que é que se pode projetar com um cenário do gênero? O vale tudo, a barbárie. No limite, a dissolução da sociedade.

O desdobramento imediato é que as dezenas de facções – talvez sejam centenas – espalhadas pelo País vão dispor de mão de obra potencial ainda mais fácil de recrutar. Afinal, na penúria – em muitas prisões o interno recebe só alimentação e uma muda de roupa -, qualquer favor assume valor absurdo. Sabonete, creme dental, papel higiênico, escova de dente, tornam-se parte da estratégia de convencimento. Daí ao mergulho no circuito das facções é um passo.

Seguramente esse cenário não está sendo levado em consideração. É que prevalecem as ações midiáticas que buscam afagar o senso comum. O grave é que não se resolvem questões complexas recorrendo a raciocínios rasos. Quando se tenta fazer isso, desembesta-se para o desastre. É o que, infelizmente, vai se desenhando para o Brasil.

Essas medidas somam-se ao rol daquelas que se deseja adotar aqui, mas que, sabidamente, não deram certo em outras partes do mundo. Mas, pelo jeito, vai se continuar insistindo nisso...

André Pomponet

LEIA MAIS

Religião
Por que jejuar?
08/04/2019

André Pomponet
A peleja das "tchutchucas" e
reforma da Previdência
08/04/2019

Caneta Afiada
Em estudo
08/04/2019

Opinião que muda o mundo
O guru trapezista do cavaleir
31/03/2019

Caneta Afiada
A vida e o circo
28/03/2019

« Anterior Pr